

M(ai)S

Antologia SadoMasoquista da Literatura Brasileira

Organizada por
Glauco Mattoso e Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

O Discurso Sadomasoquista

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP

A morfologia do sadomasoquismo

Um dos modos de tratar o significado das palavras é refazer sua história. “Presidir”, por exemplo, deriva do latim *praesideo*, que significa “estar sentado adiante”. Contudo, nenhum falante do Português moderno precisa de análises etimológicas para utilizar corretamente a linguagem.

Para aqueles que sabem Latim, a etimologia explica como o conceito de “sentar-se adiante” foi colocado em analogia com o sentido de “governar”; entre outras aplicações, a etimologia dá conta de revelar as contribuições dos vestígios do sentido anterior na formação dos novos sentidos. No caso, o presidente, metaforicamente ou não, fica à frente de seus comandados.

De acordo com a lingüística moderna - em uma abordagem diferente da etimológica - o sentido das palavras pode ser determinado, pelo menos, de duas maneiras. Antes de tudo, embora carregando sua história em sua formação, uma palavra adquire sentido em uma língua específica na relação que contrai com as demais palavras da mesma língua. Em Português, por exemplo, há apenas a palavra “dedo” para designar um domínio de significado que, em inglês, é distribuído entre *finger* e *toe*. Cada língua, portanto, dá forma ao sentido de um modo particular.

Todavia, não bastam relações lexicais para determinar o significado das palavras; os discursos que as realizam as re-significam de acordo com seus procedimentos retóricos. A palavra “roubo”, no discurso coloquial, significa “espoliar, de forma indevida, alguém de alguma coisa”. Já no discurso jurídico ela se opõe a “furto”; roubar se dá mediante violência, enquanto furtar, não. Assim, palavras diferentes definem penalidades e crimes diferentes.

O significado lexical, por isso, depende da rede de relações que forma o vocabulário das línguas e de suas colocações em discurso.

A palavra “sodomasoquismo”, no dicionário Houaiss, trás a seguinte definição:

- perversão sexual que resulta da combinação de sadismo e masoquismo.

Dentro da rede lexical formada e exposta em um dos dicionários mais completos da língua portuguesa, essa palavra deve seu sentido à composição de outras duas, cujas definições, no mesmo dicionário, são estas:

Sadismo:

- perversão caracterizada pela obtenção de prazer sexual com a humilhação ou sofrimento físico de outrem.

Masoquismo:

- perversão caracterizada pela obtenção de prazer sexual a partir de sofrimento ou humilhação a que o próprio indivíduo se submete.

O sentido de “sodomasoquismo”, portanto, pode ser dado a partir da complexificação do vetor que diferencia “sadismo” de “masoquismo”; seu significado compreende e engloba o das duas palavras combinadas em sua formação.

O dicionário, além dessa definição de sentido por meio da composição, coloca o conceito de “sodomasoquismo” entre as perversões sexuais, tornando-o parte do mesmo conjunto em que são definidas a pedofilia, a necrofilia, etc., na determinação do que a lingüística chama campo semântico - no caso, o campo das perversões sexuais.

Conceituado como perversão, o dicionário carrega a palavra com sentidos negativos. O discurso de um ativista, porém, termina por contrariar ambas as concepções: a de perversão e a de desvalorização do termo. Em seus contos e artigos, a escritora brasileira Wilma Azevedo não trata o sodomasoquismo como desvio sexual e não desvaloriza essa prática como patologia psicológica, fazendo, em seu discurso, uma re-significação do termo dicionarizado.

Pode-se concluir, com isso, que os dicionários, longe de descreverem com neutralidade o “verdadeiro sentido das palavras de uma língua”, também são formas de discurso, carregados com as ideologias daqueles que os elaboram.

No dicionário do MEC, “homossexualidade” é definida como “prática homossexual” e “atração sexual entre indivíduos do mesmo sexo”. Homossexual, no entanto, é definido assim: “diz-se de quem apresenta desvio de conduta

sexual”. Se há um desvio, é porque há uma forma dita correta, opondo a heterossexualidade normal à homossexualidade desviada. Desse modo, no discurso desse dicionário, há sobre o homossexualismo uma desvalorização semelhante a que recai sobre o sadomasoquismo, quando entendido enquanto perversão. O dicionário Houaiss, mais atual e menos preconceituoso - pelo menos nesse tópico - define “homossexualidade” sem desvalorizações como “desvio de conduta”, restringindo-se a dizer, apenas, que se trata de relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Voltando ao sadomasoquismo, desvalorizado no dicionário ou valorizado em algumas de suas expressões na literatura, seu significado mínimo pode ser reduzido à prática sexual que envolve tanto infringir quanto sofrer castigo físico ou humilhação. Esse sentido a palavra assume em algumas culturas, pronto para ser valorizado em seus discursos de diferentes modos.

Nessa análise lingüística e discursiva do termo é abandonada sua análise histórica. Embora esses resultados pouco interfiram no uso atual da palavra - como está afirmado antes - vale a pena estudar sua etimologia e verificar os vestígios deixados em sua formação.

Morfologicamente, a palavra “somasoquismo” resulta de um processo chamado composição, que define uma palavra na combinação de outras duas. No caso, os morfemas sado- e maso- são oriundos de “sadismo” e “masoquismo”; e o morfema -ismo é um sufixo formador de substantivos, que significa modo de proceder ou pensar.

Os morfemas sado- e maso- derivam dos nomes de dois escritores: sado-, do Marquês de Sade; e maso-, de Sacher-Masoch. Entretanto - do mesmo modo que com a palavra “presidente” - somasquistas podem muito bem afirmar suas práticas e concepções sem saber dessa morfologia e, por muito menos, nem haver lido sequer uma página dos dois autores.

Em estudos e debates a propósito das relações entre sadomasoquismo e literatura a análise histórica da palavra ganha pertinência, uma vez que o próprio termo é formado a partir do discursivo literário. Tais relações, porém, não devem ser estabelecidas apenas pela referência aos dois prosadores, mas deve-se levar em conta como a apropriação da obra de cada um foi feita na formação do conceito.

O Marquês de Sade

Falar de Sade, longe de tratar da vida de um escritor, é comentar uma polêmica. Seus trabalhos, sejam contos, novelas ou ensaios são polêmicos, mas não somente no que diz respeito aos conteúdos tematizados. Como pouco se sabe dele - nem seu rosto se imagina, já que não há pinturas a retratar sua face - as fantasias sobre o Marquês são tão fictícias quanto suas personagens.

Sade é representado de muitas formas, a maioria delas, equivocada. De monstro de filmes de terror a escritor maldito, às vezes aparece como demônio, às vezes como beatnik. Festejado por muitos SMs, a maioria ainda o confunde com um senhor cruel e perverso, reinando em castelos góticos que quase não aparecem em suas histórias.

Sabe-se que nasceu em Paris, em 2 de junho de 1740, e faleceu em 1814, internado no hospício de Charenton. Sem a intenção de falar de sua vida e obra, pretende-se apenas mostrar como a mentalidade da época em que viveu está materializada em sua prosa e, conseqüentemente, nas heranças deixadas por ele, tanto na literatura quanto na estética sadomasoquista.

Em princípio, Sade não foi sadomasoquista. Atualmente, o sadomasoquismo é uma postura sexual, com éticas e estéticas construídas nos discursos que o realizam; roupas de couro, acessórios, livros que vão desde

prescrições de condutas a produções artísticas, pornográficas ou não, nada disso estava presente em seu modo de vida.

Sade não pode ser interpretado ao lado de artistas contemporâneos, como a romancista Pauline Reage ou o autor de histórias em quadrinhos George Pichard, ambos estetas do SM. Fruto de sua época, Sade é, antes de tudo, um neoclássico. Nesse ponto, talvez o comentarista mais lúcido de seu trabalho tenha sido Antonio Cândido, em alguns trechos d'*A formação da literatura brasileira*. Ao discorrer sobre o século XVIII, Cândido fala de Sade em breves passagens; entre elas, a descrição da mentalidade da época - no primeiro capítulo "Razão, natureza, verdade" - é fundamental para a compreensão do modo de pensar do Marquês.

De acordo com Cândido, o século XVIII é marcado por três conceitos relacionados entre si: a beleza, a natureza e a verdade. Nessa relação, um se define ao encontro do outro: é considerado belo o que é natural, portanto verdadeiro; é considerado natural o que é verdade, portanto belo; é considerado verdade o que é belo, portanto natural. Tomados assim, os três conceitos parecem sinônimos. Cada um deles, porém, define um domínio distinto do pensamento, pois cabe à beleza, a estética; à verdade, a lógica; e à natureza, a ética.

Nesse paradigma está estruturada toda a obra de Sade. Para ele, o império da natureza é inexorável, podendo justificar tudo que pode ser chamado crime, justamente pela equivalência entre natureza, beleza e verdade. Em diversas passagens d'*A filosofia na alcova*, d'*Os 120 dias de Sodoma* e de *Justine ou os infortúnios da virtude* - para mencionar três de seus trabalhos mais conhecidos - é comum, entre as personagens, surgir alguma fazendo discursos a favor da naturalização de seus comportamentos supostamente criminosos.

Nos rascunhos da novela *Os 120 dias de Sodoma*, há o seguinte trecho de uma das falas do Duque de Blangis:

Era ainda muito jovem quando aprendi a desprezar as fantasias da religião, ficando perfeitamente convencido de que a existência do criador é um absurdo revoltante, no qual nem as crianças continuam a acreditar. Não preciso de contrariar minhas inclinações para lisonjear um Deus; estes instintos foram-me dados pela Natureza, e seria irritá-la se lhes resistisse; se me deu maus instintos, é porque eram necessários a seus desígnios. Em suas mãos, sou apenas uma máquina que ela dirige como quer, e não há um só de meus crimes que a não sirva: quanto mais me incita a cometê-los, mais deles precisa; seria louco se lhe desobedecesse.

(Sade, 1983: 19).

Se a natureza confere ao homem maus instintos, crime seria não segui-los, uma vez que, por serem naturais, também são belos e verdadeiros. Esse mote, repetido numerosas vezes na prosa sádica, é o tema a partir do qual o Marquês faz suas variações. Ele aparece não somente nas falas do Duque de Blangis - libertino d'*Os 120 dias de Sodoma* - mas ainda nas do senhor Dolmancé - o libertino d'*A filosofia na alcova* - e nas da senhora Dubois - criminosa de *Justine*. Para Sade, há uma concepção determinista delegada à natureza, que a elege quase divindade, cujo desrespeito é praticamente impossível. Enquanto o Deus cristão não passa de uma mentira, facilmente desvendada pelo Marquês, a natureza tem o estatuto de verdade absoluta.

Uma vez verdadeira, tudo que vem dela é belo, até mesmo a feiúra. Em *Os 120 dias de Sodoma*, por exemplo, junto aos haréns formados por meninos e

meninas com os adolescentes mais belos da Europa, há quatro mendigas, escolhidas entre as mais horrorosas, prontas para saciar as fantasias dos quatro senhores do castelo de Siling.

O tempo do Marquês é o tempo das revoluções burguesas, e seu discurso está comprometido com os valores de hierarquia social da qual participa. Sade reflete isso ao apresentar os quatro senhores d'*Os 120 dias de Sodoma*: o Duque de Blangis e seu irmão, o Bispo de ... (o próprio Sade não determina), o presidente de Curval e o senhor Durcet - respectivamente, um nobre, um representante do poder espiritual, um representante do poder temporal e um burguês.

A hierarquia entre eles é marcada em todos os aspectos da construção de suas personagens, principalmente - e isso é importante na literatura libertina do Marquês de Sade - na potência sexual (Sade, 1983: 17-29). Acima de todos está o Duque, dono de um membro descomunal de trinta centímetros de comprimento por vinte de circunferência, que, sempre em riste, é capaz de ejacular dezoito vezes por dia. Depois, seguem o Bispo e o presidente de Curval em um empate curioso, pois o membro do Bispo - de quinze por doze - embora menor que o do jurista - de vinte por quinze - é tão potente quanto o do Duque, enquanto o do presidente, nem tanto. Por último, toma sua vez o senhor Durcet, com o minúsculo pênis de dez por cinco, quase impotente, constantemente sodomizado pelo Duque, a deixar bem claro o papel que Sade reserva à burguesia. Desse modo, no sistema de valores colocado em discurso, a metonímia das potências sexuais enfatiza a natureza física dos quatro homens, naturalmente reproduzida nas relações sociais, e permite afirmar que o papel do Duque justifica o do próprio Marquês.

Entre tais valores, há aquele que pode diferenciar Sade de Masoch com mais intensidade na construção da estética e da ética sadomasoquistas dos séculos

posteriores. Trata-se do tópico dos contratos de consentimentos entre sádicos e masoquistas.

No que diz respeito ao consentimento, as personagens de Sade - guardadas as devidas proporções - estão mais próximas de serial-killers do cinema de terror contemporâneo que dos tipos SMs retratados por Masoch e Pauline Reage. Enquanto os sadomasoquistas de *A Vênus das peles* e *História d'O* buscam a dor e o prazer entre parceiros por meio da vontade, em Sade há seqüestros e assassinatos criminosos, a dor é antes imposição que busca. Dito de outro modo, não há masoquismo em Sade, o sadismo está baseado no desrespeito deliberado da vontade alheia.

Leopold Von Sacher-Masoch

Bem diferente do Neoclassicismo de Sade, em Masoch há espaço para a liberdade, ainda que seja a liberdade de se escravizar.

Escrito no século XIX, *A Vênus das peles* é uma obra do Romantismo, nele não há lugar para a nobreza e seus atributos ditos naturais. Em uma estação de águas dos Cárpatos, Severino, em pleno tédio romântico, conhece Wanda, por quem desenvolve fascinação quase mística. Anunciada na tela de Ticiano *A Vênus no espelho*, e em uma estátua de pedra da mesma deusa, colocada no prado próximo ao retiro em que está hospedado o moço, Wanda assume proporções divinas quando se materializa como a Vênus envolta em casacos de pele escura.

Na casa de Severino, um amigo admira esta tela:

Era uma pintura a óleo de tons vigorosos à maneira da escola flamenga, cujo tema era bem estranho. Nua em uma pele escura, uma linda mulher, apoiada no seu braço esquerdo, repousava sobre uma

otomana. Um sorriso jovial flutuava em seus lábios, e sua vasta cabeleira estava trançada à maneira antiga, empoada de branco. Sua mão direita brincava com um chicote comprido enquanto seu pé nu se apoiava descuidado sobre o homem deitado diante dela como um escravo, como um cão; e esse homem de traços acentuados mas bem delineados, em que se lia uma melancolia tranqüila e toda a abnegação da paixão, esse homem que alçava em direção a ela os olhos ardentes e fanáticos de um mártir, esse homem que formava um tamborete para seus pés, era Severino, mas sem a barba, com o que parecia ter dez anos a menos.

(Sacher-Masoch, 1983: 154)

Leitor de Homero e Goethe, poeta e pintor, Severino é um jovem Werther em outros sofrimentos, disposto a experimentar seus desejos sexuais de ser dominado por Wanda. Para tanto, assina um contrato de escravidão consentida nos seguintes termos:

“Senhor Severino von Kusiemski cessa a partir deste dia de ser o noivo da senhora Wanda von Dunajew e renuncia a todos os seus direitos de amante, obrigando-se, com sua palavra de homem e de honra a ser, para o futuro, o escravo daquela senhora, e isto até que ela própria lhe conceda de volta a liberdade.

“Como escravo da senhora von Dunajew, ele usará o nome de Gregório, deverá satisfazer todos os desejos da sua ama, obedecer cada ordem sua, submeter-se a ela e considerar qualquer favor que porventura receba como uma graça extraordinária.

“A senhora von Dunajew pode não apenas castigar o seu escravo por qualquer negligência ou qualquer falta, mas lhe assiste também o direito de maltratá-lo por capricho ou até mesmo somente para se distrair, podendo inclusive matá-lo, se lhe der vontade. Ele se torna em suma, sua inteira propriedade.

“Se a senhora von Dunajew conceder um dia a liberdade a seu escravo, o senhor Severino von Kusiemski deverá esquecer tudo que viveu ou sofreu enquanto escravo, e nunca pensar, sob nenhum pretexto e de forma alguma, em qualquer vingança ou represália.

“Por sua parte, a senhora von Dunajew promete em tanto que ama mostrar-se tão frequentemente quanto possível vestida de peles, sobretudo quando for cruel para com seu escravo.”

(Sacher-Masoch, 1983: 240-241)

Os conteúdos da tela e do contrato são os mesmos, neles estão figurativizados os tópicos principais da estética e da ética sadomasoquistas. Não se trata mais de justificar estupros e assassinatos, mas de se envolver em um sistema de regras em que tanto a parte sádica quanto a masoquista estão devidamente contempladas.

Se em Sade a natureza se impõe, em Masoch há todo um aparato cultural que cuida de regular os valores colocados em discurso pelos parceiros envolvidos nas tramas eróticas.

Pauline Reage e a cultura sadomasoquista

Essa cultura sadomasoquista não é fruto dos escritos de Sade e Masoch, tais textos são antes uma manifestação dela que seus fundadores.

Enquanto textos, esses escritos são singularizações individuais de um discurso social, uma vez que nenhum dos dois autores inventou do nada os temas tratados por eles. Assim, é possível determinar um campo discursivo SM, no qual suas práticas são definidas e justificadas entre consensos e contradições.

Dito de outro modo, não há um SM no mundo dos homens, refletido em seus discursos, mas há uma polêmica discursiva a construir conceitualmente o SM nesse mundo. O sadomasoquismo é, portanto, aquilo que se diz sobre ele pois, nesse dizer, ele se define. Nessas definições, não há apenas um SM a respeito do qual haja consenso absoluto, mas uma rede de polêmicas em meio às quais o campo discursivo se forma.

Na formação desse campo, Sade e Masoch são convocados - à revelia do primeiro, e a contra gosto do último - a assumir seus papéis. Sade vem à revelia, pois o termo foi cunhado em 1886, 72 anos após sua morte; e há notícias de que Masoch e o filho protestaram à correlação do nome da família a patologias médicas. A recusa se explicaria, uma vez que a palavra sadomasoquismo foi formada por Kraft-Ebing, cientista, psiquiatra e médico legista alemão, a fazer do sadomasoquismo, em seu nascimento, uma doença.

Sade e Masoch, por isso, são convocados em um discurso psiquiátrico, que define antes um distúrbio a ser diagnosticado que éticas e estéticas a serem trabalhadas e desenvolvidas. Contrário a essa visão de mundo, há um sadomasoquismo que se pode chamar erótico - como propõe Wilma Azevedo - cuja postura discursiva vai de encontro às concepções disfóricas da psiquiatria e da psicologia.

Utilizando a mesma palavra com modificações em seu significado, esse SM erótico, embora se ufane das contribuições e idéias do Marques, é

sensivelmente mais Masoquista que Sádico. Não se trata da orientação do vetor ativo ↔ passivo, mas do já mencionado tópico do consentimento.

Mesmo a questão da orientação precisa ser analisada melhor. Se em Masoch o narrador se regozija com o sofrimento, sua parceira faz o contrário, e Sererino se torna ativo no final do romance. A rigor, há passividade e atividade em *A Vênus das peles*, talvez uma médica legista utilizasse em sua terminologia a postura da dominadora Wanda ao definir masoquismo. Já em Sade há de tudo, se a referência for sua obra, todas as ditas perversões sexuais poderiam receber o nome de sadismo.

No SM erótico, o consentimento entre os parceiros faz a diferença e, ao contrário do que diria Sade, é por meio da cultura que nele é possível justificar comportamentos não criminosos. O ser humano não é um animal mais ou menos civilizado, não há no homem partes de natureza e partes de cultura a lutar entre si; trata-se, isto sim, de uma complexificação entre natureza e cultura a orientar todas as atividades humanas no mundo da significação, em que as civilizações são formadas.

Em suas relações com os objetos, o sujeito humano se vale da cultura para definir a si próprio e ao mundo que o rodeia, portanto, em suas atividades cognitivas e pragmáticas, sujeitos e objetos ganham sentido no discurso que se faz sobre eles. Nesse ponto de vista, nenhuma sexualidade está livre das mediações culturais que a determinam, não existe uma sexualidade natural livre dos valores humanos.

Se para se alimentar o homem faz as culinárias, para as relações sexuais ele cria paixões eróticas, entre elas, o sadomasoquismo. Em tempos burgueses, de liberdade, igualdade e fraternidade, a dominação, a escravidão e os maus tratos devem ser praticados com consentimento, caso contrário o que se configura é

coerção, seqüestro e estupro. Assim, forma-se uma cultura SM, que desvincula sua prática da doença mental por meio de valores culturalmente construídos.

Coerentes com a modernidade, os SMs contemporâneos só poderiam ser Masoquistas; os Sádicos de hoje terminam em hospícios e, em muitos países, no corredor da morte.

Talvez o melhor exemplo dessa cultura SM na literatura do século XX seja o romance francês *História d'O*, de Pauline Reage. Longe da arbitrariedade dos senhores d'Os *120 dias de Sodoma*, O se comporta como Severino, seus suplícios são autorizados por ela.

Entretanto há, pelo menos, uma diferença: em Pauline Reage o tom social é mais acentuado; O pertence a uma comunidade SM enquanto o drama de Severino parece mais individual. *A Vênus das peles* é narrada em primeira pessoa, ao transformar seu texto em memórias Severino parece falar mais de si que refletir um comportamento coletivo; Pauline Reage, por sua vez, narra em terceira pessoa as aventuras de O, que surgem como um registro objetivo dos fatos contados e servem de mote para que se penetre no universo social do sadomasoquismo.

Logo no início da trama, O é levada por René, seu amante, a um castelo particular onde toda uma comunidade SM está instalada. Lá ela se faz escrava por vontade própria, tudo se torna parte de um rito social cuja finalidade é a prática de um modo erótico de ser. No universo de O, há os castelos, os senhores, as escravas... Parece Sade mas não é, a *História d'O* está mais próxima de uma reunião de Wandas e Severinos em clubes fechados, onde o fortuito do encontro dos dois amantes de Masoch é agora um modo de vida a ser partilhada por grupos de pessoas afins.

Não há, portanto, um viés histórico, em que Sade gera Masoch, que gera Pauline, mas a construção de uma mitologia social sadomasoquista erótica, com

uma ética e uma estética particulares. Esse SM, entretanto, também é formado em polêmicas, há intensidades diferentes na demarcação de seus limites e limiares.

Uma vez que qualquer atividade humana está sempre no limiar de suas fronteiras consensuais, os conceitos de dor, de medo e do próprio consentimento na relação dominador-dominado variam, apesar da instauração de ritos a propor limites. Gerado nas polêmicas em torno das gradações e dos limiares das dores, dos medos e dos consentimentos autorizados por ele, o sadomasoquismo, como todo sentido, está em revolução permanente.

Por uma antologia sadomasoquista da literatura brasileira

Antes de tudo, é possível falar em literatura sadomasoquista? O SM, assim como a homossexualidade, a pedofilia, o feminismo e a política são temas, que podem, ou não serem convertidos em escolas artísticas, entre elas, a literatura.

Não há formas artísticas puras, o que define uma forma de arte é um consenso discursivo. Assim, um crítico literário pode conceber uma literatura católica, e nela incluir Dante, São João da Cruz, Padre Antonio Vieira, Alphonsus de Guimaraens, etc. Os concretistas, por exemplo, criam sua genealogia a partir de Mallarmé, Pound, Cummings; para esoteristas como Eliphas Lévi e René Guenon, *A Demanda do santo graal*, *A Divina comédia* e *Fausto*, de Gothe, são literatura esotérica, na qual se pode incluir, de acordo com alguns, o *Grande sertão veredas*.

Em sua forma pragmática, um texto ganha as dimensões literárias e culturais que se fizerem projetar sobre ele. Há literaturas de esquerda, literaturas gays, literaturas negras... Tudo depende da inserção discursiva da crítica e dos

escritores. Quando um grupo de negros se organiza em um movimento como o Quilomboje, cuja temática de afirmação racial é um dos tópicos a serem desenvolvidos por ele em formas literárias, manda o bom senso que se descreva ali uma literatura negra.

Como todo movimento, o Quilomboje busca no passado em Caldas Barbosa, em Luis Gama e em Lima Barreto, precursores e modelos de ações afirmativas. Com certeza, Caldas Barbosa não se diria militante da cultura negra em pleno século XVIII, sua recuperação pelos negros dos séculos XX e XXI tende a ser enviesada e problematizada em outro contexto cultural. Como também se trata da construção de um papel temático, o enunciador desses discursos comprometidos não precisa ser necessariamente negro, mulher ou homossexual, basta fingir passar por eles na hora de escrever.

De que maneira se constrói uma temática SM? São necessários dominadores e dominados, deve haver violência e dor convertidos em prazer, pelo menos para um dos dois, mas não apenas isso. Como diz Greimas, em sua semiótica, enquanto os castigos são oriundos de vinganças e reparações de faltas, o sadismo não depende dessas relações, uma vez que o ato sádico se completa em si mesmo. Castigos e vinganças precisam de um motivo que os acione; o sadismo se explica e justifica-se sozinho.

Correlacionado ao erotismo, o sadismo greimasiano dá forma ao tema sadomasoquista, que pode não passar de um tema entre outros temas, ou pode ser eleito como compromisso ético, estético e literário determinante. Uma antologia SM, portanto, deve ter, no mínimo, esse esclarecimento discursivo.

A que vem a seguir, não está explicitamente organizada em capítulos, mas se orienta por uma sistematização em, pelo menos, três partes, que reúnem dispersos, militantes e entusiasmados. A rigor, não há estética SM no Brasil antes de Wilma Azevedo e de Glauco Mattoso, todavia, há textos anteriores a eles cujo

tema está realizado: há sadismo, mesmo que algumas vezes velado e escondido na forma de vinganças e castigos. Por isso, tais textos são chamados dispersos; não são propriamente sadomasoquistas, mas o tematizam.

Com a intenção de recolher apenas textos inteiros, e não fragmentos, trechos de romances foram excluídos, há somente contos e poemas. O primeiro texto, porém, é um fragmento do romance *Diva*, de José de Alencar.

Afeito às paixões eróticas, Alencar tematiza várias delas em seus escritos, basta lembrar as relações suspeitas de Manuel Canho, d'O *Gaúcho*, com sua égua Morena, e a podolatria explícita em *A Pata da gazela*. *Diva* conta uma história de dominação, que termina na agressão física de Augusto Amaral a sua quase namorada Emília. Para abrir a antologia, está colocada a carta enviada por ela ao rapaz, na qual finalmente se entrega.

Em seguida, contos e poemas de Machado de Assis, Valentim Magalhães, Monteiro Lobato, Cruz e Souza, João do Rio, Augusto do Anjos, Rubem Fonseca e Pedro Xisto completariam esta seção.

A segunda, central para antologia, cuida de contemplar as obras de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso. Militantes SMs, ambos praticamente introduziram o tema na literatura brasileira por volta da década de 70 do século XX e permanecem insistindo nele até os dias de hoje. Ambos merecem destaque especial, sem os dois não haveria SM explicitado tão cedo no Brasil.

Por fim, entre os entusiasmados com o tema, os escritores da literatura brasileira contemporânea, que contribuíram com contos e poemas. São eles Cláudio Daniel, Delmo Montenegro, Joca Reiners Terron, Virna Teixeira, Luiz Roberto Guedes, Horácio Costa, Del Candeias, Frederico Barbosa, Ana Rüsche, Dirceu Villa, Contador Borges, Marcelo Tápia, Ivana Arruda Leite, Leila Mícolis, Ronaldo Bressane, Pedro Tostes, Marcelo Mirisola, Caco Pontes, Mario

Bortolotto, Ademir Assunção, Joaquim Antonio Pereira Sobrinho, Leo Pinto, Berimba

Conclusão

Uma antologia sempre é feita de escolhas; esta, com certeza, está longe de ser completa, é apenas ilustrativa do tema. Estranho ao sadomasoquismo, o Brasil, ao contrário dos países germânicos e da França, nunca foi associado a ele, o que restringe o *corpus* literário e, quem sabe, as injustiças aos que ficaram fora dela.

Além das escolhas, as antologias também têm seus objetivos. O nossa tem, pelo menos, o de problematizar o SM, e trabalhar para sua devida inserção na cultura brasileira, buscando dar continuidade aos trabalhos de Wilma Azevedo e Glauco Mattoso. Mais freqüente do que se pensa, muitos autores se entusiasmaram com ele, há uma deriva no ar longe de se concluir aqui...

Gostaria ainda de fazer um agradecimento especial ao Marcelino Freire, pelo apoio dado para sua realização.